A bóa

Deu-se este nome ás serpentes notaveis pela sua grandeza, mas que pertencem a generos differentissimos. Querem alguns auctores que as maiores bóas sejam originarias da America; affirmam outros que as serpentes monstruosas encontram-se no interior de Africa, e, principalmente, na vasta região do Sonda. Outros, em fim, porfiam em que esta especie de ophidianos habita diversas paragens européas, mas tal opinião acha-se refutada por naturalistas como Daubenton, e outros mais modernos; por quanto, se não averiguou até hoje a existencia na Europa de reptis com as dimensões da bóa *(constrictor)*.

É certo, porém, que na America e na Oceania vivem as maiores serpentes conhecidas. Outro ponto de contestação e de duvida, é a respeito da sua grandeza. Ha diversas opiniões. Podem alcançar até 8 metros de comprimento, affirmam uns; dão-lhe outros até 16 metros, e com 55 pés, nos consta, fôra morto um reptil em Timor, e depois enviado a Lisboa por um antigo governador nosso, o sr. José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa. [1] Dando credito a Plinio, o naturalista, haveria serpentes bóas de 120 pés, ou 40 metros de comprido, o que se põe a par de tantas outras anecdotas que elle referiu em immemoraveis obras, mas que ninguem verificou. O poder que certos naturalistas attribuem á guela esfaimada da bóa, attrahindo os passaros empoleirados nas arvores, consiste, segundo elles, na corrupção do halito do reptil, que, viciando o ar, e impregnando-o de miasmas deleterios, atordôa os passaros, tira-lhes a força, leva-os a uma especie de asphyxia, e por fim, caem na guela aberta para os receber.

O alto da cabeça da bóa é largo, a fronte elevada e dividida por uma ruga longitudinal; os olhos são negros e as orbitas resaidas; o focinho é longo, e termina por uma grande escama alvadia salpicada de amarello. Tem a lingua carnosa, ligeiramente bifida e pontaguda; a abertura da guela profunda, e os dentes compridos. O corpo é espesso, e revestido em toda a extensão, de pequenas escamas lisas e ovaes; o ventre apresenta grandes e numerosas escamas; a cauda, nervosa e dura, tem a oitava parte do comprimento do corpo. As côres das escamas são vivas e variadas; morto o reptil, todas ellas desbotam; não são as mesmas em todos os climas. Geralmente, o amarello, o cinzenio, e o vermelho, em diversas gradações, formam os matizes da bóa. Nos museus não conheceremos o effeito que produzirão taes matizes. A symetria das manchas, ou dos

[1] O sr. José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa foi governador das ilhas de Timor e Solor, pelo triennio de 1815 a 1818, e no desempenho d'estas funcções que, por aquelles annos, foram difficeis e espinhosas, houve-se com singular energia. No commando da expedição que de Macau partiu contra os piratas chins, prestou serviços tão relevantes, que, finda ella em 1819, promoveram-n'o ao posto de tenente-coronel de artilheria, arma a que pertencia.

Occupado como estava o valente militar em resolver negocios importantes no seu governo de Timor, devemos suppor que se descuidasse de enviar para Lisboa a serpente, segundo affirmára, por quanto desconhecemos a sua existencia aqui; ou, antes, presumimos, que assegurando o sr. Alcoforado que a bóa seria enviada á corte portugueza, o nosso informador, que é estrangeiro, e por largos annos viajou nas Indias, a julgasse em Lisboa, quando então ainda a familia real estava no Rio da Janeiro. Acerca d'isto, porem, nada consta officialmente, como tivemos occasião de averiguar.

olhos, que se observam na bóa, é tambem notavel.

Segundo escrevem da bóa americana, esta devora pequenos animaes, e foge do homem. Pelo contrario, a do Sonda alimenta-se do bufalo, e investe com o homem. Os naturaes de Timor, expostos como estão pelas plantações em que se occupam, chegam, para fugir ao subito perigo, a engodar os reptis, ligando ás arvores, ou ás rochas, com valentes cordas, algum bufalo, ao qual a bóa se lança, e o mugido abafado d'aquelle animal não tarda que annuncie o triumpho e a comida do ophidiano. Vêde a estampa. A monstruosa espiral envolve a victima, e quebra-lhe os ossos; a bifida lingua, com saliva glutinosa e fétida, passa-lhe o corpo, para a tragar mais facilmente; depois, dilatando sem proporção a guela, engole a cabeça, e pouco a pouco, e com difficuldade, o resto.

A caça da bóa da Oceania é em extremo perigosa, e affiança-nos um viajante, que preferiria combater o tigre ou o leão esfaimado nos desertos de Africa, do que a terrivel constrictor no seio das florestas do Sonda.

Ouçamos agora, e em conclusão, a Jacques Arago, referindo o que lhe contou o antigo governador, já citado, das nossas possessões de Timor, sobre a arte de que usava para destruir o damnoso reptil n'aquellas paragens:

«Tornára-se de tal sorte mortifera a guerra que as bóas faziam aos bufalos pertencentes aos europeus e aos rajás tributarios do residente de Diely (Timor), que o governador José Pinto Alcoforado de Azevedo e Souza, resolveu, a final, organisar caçadas para a destruição, ou pelo menos, afugentamento dos reptis. Ajustou para este fim, a troco de alguns estofos fabricados no paiz, homens corajosos e energicos, que não temiam entranhar-se, de dia ou de noite, na pavorosa floresta, e combater seus terriveis dominadores. As armas que empregavam eram o formidavel cris, [1] cuja lamina é quasi sempre temperada na gomma do *bohon-upas* [2] (menos perigosa do que se pensa na Europa), e frechas agudas, denteadas, curtas, e postas em leque adiante do peito, que arremessavam contra o monstro quando o surprehendiam adormecido. O reptil fazia, porém, tantas victimas, que foi preciso renunciar a estes ataques, nos quaes se utilisava do serviço dos degradados. O sr. Pinto disse-me que, vendo-se embaraçado com petições para irem á caça da bóa, teve que diminuir a paga dos combatentes, tão vezeiros aos grandes perigos, como soffregos pelos estofos que lhes dava o governador!

«Baldadas similhantes tentativas, que findariam por despovoar a colonia, mais rapidamente que as febres perniciosas e a dysenteria, o sr. Pinto decidiu-se a lançar fogo á floresta infestada, ainda expondo a ilha a um incendio. Houve-se, todavia, com toda a prudencia; e assim que os bufalos, mandados em holocausto aos reptis, lhe attestavam a presença de um ou de muitos d'estes monstros, o sr. Pinto fazia circumscrever o sitio designado por um immenso decote. Como depois da comida a serpente cáe em deliquio durante alguns mezes, o trabalho dos animosos lenhadores só era interrompido pelas bóas que estavam em jejum, as quaes não ousavam investir com um exercito de homens promptos a recebel-as.

«Abatidos os troncos seculares com seus ramos tão variados e pomposamente vestidos, innumeras braçadas de folhas sêccas se lançavam ao centro; communicado o fogo ás primeiras camadas de matto, alimentavam-n'o e propagavam-n'o por meio de novos combustiveis deitados na queimada; então, através das ondulações das chammas, viam-se erguer do abrasado circo formidaveis bóas turbinosas, para fugirem á morte, trepar de um salto ao cimo das arvores, alcançar os mais elevados ramos, e diligenciarem por atravessar as flammantes barreiras que as estreitavam. Esforços inuteis! As serpentes caíam espavoridas e meio devoradas na fogueira, e davam o ultimo suspiro entre contorsões que bem mostravam os horrores de tal morte.

«Viam-se tambem algumas, affirmou o sr. Pinto, saltar das chammas, e em vez de fugir ao perigo, de que iam escapando, arremessarem-se contra os intrepidos malaios, e immolarem muitos d'elles antes de as vencerem.»

P. DE BRITO ARANHA

[1] Arma como adaga de que usam os malaios
[2] Arvore venenosa de Java.

MARROCOS

VIAGEM E CAPTIVEIRO DE UMA DAMA PORTUGUEZA, N'ESTE IMPERIO, EM TEMPO DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 40)

Soube d'isto o exercito que tem assento n'um sitio a que chamam Mexarromelá, habitado por mais de cinco mil negros, quando nós já iamos com os alarves de Mamora, que seriam tres mil homens, para a corte de Mequinez, a el-rei Muley Ismael, a quem levavam os captivos, para d'elle terem algum premio, pelo que nos levavam com muita estimação. Teriamos andado quasi um dia, quando nos encontrámos com os negros, que com ordem do seu general, que era el-Bachá-Zemerani, nos vinham buscar, dizendo que o sitio onde deramos á costa confinava com o seu governo, ao que o alcaide dos alarves repugnava, dizendo que mais tocava ao governo de Mamora; por este motivo travaram entre si controversia, e se pozeram a pelejar. N'esta occasião me levaram os alarves, e me metteram na concavidade de um barranco, cobrindo-me com muita quantidade de matto. Ahi estive quasi tres horas, pois os negros, levando vantagem na peleja, obrigaram os alarves a trazer os captivos todos. Com esta revolta me rasgaram uma orelha para me tirarem os brincos, e com a pressa de me tirarem um cordão de ouro, que levava, me feriram no pescoço.

A este tempo trouxeram-me minha filha, e vendo que não vinha meu filho, com lamentaveis gritos chorava diante do alcaide dos negros, o qual não sabendo o motivo por que eu chorava, mandou buscar um negro que tinha estado captivo nas galés de Lisboa, o qual entendia o nosso idioma, e perguntando-me o que tinha, lhe disse que me tinham levado um filho, e não sabia onde elle estava; logo o alcaide, prendendo muitos, ferindo alguns alarves, e fazendo excessivas diligencias, ao cabo de dia e meio m'o trouxeram, o qual recebi com muitas lagrimas, trazendo á memoria a variedade de meus infortunios. Trouxeram tambem meu marido e os mais captivos, que, todos uns para os outros olhando, não sabiamos em que pararia similhante tragedia.

Levaram-nos os negros com estimação, dando-nos todo o necessario, especialmente a mim e a meus filhos. Chegámos á corte de Mequinez, e levando-nos a palacio, foram dar noticia a el-rei do succedido, e que traziam uma mulher e dois filhos, o qual mandou que fossemos á sua presença. Levaram-nos por uns grandiosos palacios, supposto que térreos, feitos com muita grandeza, de fontes e deliciosos jardins; e chegando a uma formosissima sala, ornada de muitas tapeçarias, onde estava el-rei sentado em uma alcatifa, com o braço encostado n'um travesseiro de veludo verde, e ao pé d'elle estava uma

mulher sentada com um menino nos braços, que ao depois soube que era a rainha. Fui logo a seus pés com os meus dois filhos, beijando a terra em sua presença, que assim me tinha dito o mouro das galés que se costumava fazer n'aquelle reino. Mandou-me levantar, e chamando as renegadas que em palacio havia, vieram logo treze; mandou o rei perguntar d'onde eu era, e para onde ía; respondi que era de Alcacer do Sal no reino de Portugal, e que mudando-me para o reino de Hespanha, nos sobreveiu temporal, de sorte que nos fez dar á costa em suas terras.

Conservei-me de pé em quanto o rei fallava com a rainha, a qual, com acções de agradecimento, beijou a cabeça a el-rei, o qual me disse que aquella era a rainha, a quem nos dava para seu estado; e logo me mandou dar uma alcova para que estivesse com meus filhos. À noite mandou-me a rainha chamar por uma renegada, e me fez varias perguntas em coisas do nosso reino, mandando á renegada, que era natural das ilhas, estivesse commigo para me consolar, porque me via muito chorosa.

Assim estive cinco mezes, sem ver pessoa catholica com quem me podesse consolar; no fim dos quaes, um dia, veiu el-rei e a rainha com muitas aias e alguns eunuchos das guardas do palacio, que logo principiaram a instar me tornasse renegada, fazendo excessivas diligencias, sem ser possivel conseguirem o que desejavam. Mandaram que me despissem e me dessem muitas pancadas, e vendo a minha resistencia, trouxeram uns ferros accesos, com os quaes me queimaram as costas e os pés. Implorando o divino amparo de Deus, soffri com toda a constancia aquelles tormentos; mas, vendo frustradas as diligencias, me metteram, e a meus dois filhos, em uma masmorra, onde estive treze dias, esperando por instantes o fim da minha vida, o qual não sentia tanto como ficarem meus filhos, de tão tenra edade, em poder de tão tyrannos barbaros.

Nos dias que ahi estive se me foi o corpo todo inchando, e as queimaduras totalmente inflammando, o que visto por umas aias, o foram dizer á rainha, a qual, indo diante d'el-rei, lhe disse da fórma em que eu estava; e juntamente lhe pediu que, visto Deus trazer-me a suas terras, não me acabasse de matar d'aquella sorte, o que, ouvido por elle, me mandou buscar, e como me visse em tão miseravel estado, fez chamar os frades capuchos de S. Diogo, que em aquella cidade tem o seu convento, os quaes logo vieram, e lhes disse me levassem para me curar, e que de todos os modos me haviam de dar sã, senão que haviam de experimentar o seu furor; e elles me levaram, em o qual convento estive, curando-me com varios remedios, onde estive doente quarenta dias, e em todos elles mandava a rainha saber como eu estava; da qual enfermidade foi Deus Nosso Senhor servido escapasse, e com saude.

Indo a palacio, fui del-rei e da rainha com bastante alegria recebida, sem embargo que sempre me faziam continuadas diligencias para seguir sua infernal lei, o que eu, por defender constante, padecia innumeraveis trabalhos, pois no decurso de quatro annos continuamente para o dito fim me affligiam; até chegavam a pôr meus filhos na bocca de um forno para ver se nos podiam obrigar! Porém, como Deus nos ajudava, a tudo podémos resistir. E já enfadados depois de quatro annos, nos deixaram sem nos perseguir mais em coisa alguma, antes me fizeram criar o principe, filho d'esta rainha, que tinha cinco mezes de edade, chamado Mulei-Zidan, o qual com o meu filho juntamente criava com muita estimação de todo o palacio.

Passados seriam nove mezes, quando se determinou a rainha ir offertar o principe á casa de Meca, a seu maldito propheta Mafamede, pois assim o tinha promettido em certa doença muito perigosa, que em os principios de seu nascimento tivera. Preparou-se a jornada com grandioso acompanhamento, pois levava de guarda passante de seis mil negros, mais de seiscentas mulheres, muitos captivos e algumas captivas, entre as quaes fui eu com mais estimação de todas, por criar o principe que tanto estimavam; e pedindo eu a el-rei por meu marido, para que juntamente estivesse commigo, o qual desde que fomos captivos não tinha visto, logo mandou viesse, e que commigo sempre assistisse.

Saímos da cidade de Mequinez, fazendo primeiro adoração á mesquita de um seu grande santo, a que chamavam Mulei Dvis; d'ahi partimos para a cidade de Fez, da qual continuámos a jornada, não querendo em toda ella entrar em parte alguma, fazendo os acampamentos muitas vezes ao pé das mesmas cidades, das quaes vinham grandiosos presentes de todas as partes por onde passavamos. Chegámos a Mogafra, que é terra onde todos os d'aquelle reino, que para a casa de Meca fazem jornada, se ajuntam, onde estivemos oito dias, no fim dos quaes fomos ao Grão Cairo, onde nos deixou entregues ao governador, dizendo era indecencia, que catholicos chegassem perto de tão maravilhosa casa, levando uma mulher d'aquella terra, para que, em quanto iam, tratasse do principe, consignando aos captivos para o sustento uma pataca a cada um, o que o governador não quiz gastassemos d'ella coisa alguma. Ahi estivemos sempre mettidos em uma fortaleza até que vieram da sua promessa, d'onde voltámos para Mequinez, em cuja jornada gastámos oito mezes.

Logo que chegámos á dita cidade de Mequinez, me deu a rainha no meio da cidade umas casas para que morasse com meu marido e filhos; porém que todos os dias fosse a palacio com meus filhos, dando-me juntamente licença para poder contratar com vinhos e aguas-ardentes, que são os contratos que se permittem aos captivos, sem embargo de terem, com algumas instancias que faziam, esperanças que havia de renegar; e n'este tempo, vindo da jornada, falleceu meu marido.

(Continúa)

D. FILIPPA DE VASCONCELLOS

POETAS PORTUGUEZES NO BRASIL

I

FRANCISCO GONÇALVES BRAGA

(Vid. pag. 21)

Francisco Gonçalves Braga é um dos poetas que mais vantajosamente figuram n'este *Album*. Não sei da sua pessoa nenhuma circunstancia pessoal; mas julgando-o pelos seus versos, creio que é moço, e o seu appellido faz suppor que na provincia do Minho tenha a sua patria. As suas poesias são geralmente muito harmoniosas; ainda que por vezes se encontre n'ellas um ou outro verso mais frouxo e menos correcto, é de crer que taes defeitos desappareçam nas futuras composições do poeta, á medida que a experiencia e o estudo dos bons modelos lhe for apurando o gosto. Consta-me que em 1856 publicára elle n'uma collecção as suas primeiras *Tentativas Poeticas;* mas como não tenho nem vi nunca esse livro, só pelo *Album do Gabinete Litterario* posso avaliar o seu merito. São oito as suas producções exaradas no presente volume, e intitulam-se: *Beranger*.

Desejos, Garrett, Os cinco sentidos, Transição, A uma menina, Pedido, Lamartine.

Deprehende-se da leitura d'estas diversas peças, que seu auctor sabe sentir, amar, soffrer, e cantar, quando a admiração, o amor, a saudade ou a esperança lhe ferem as cordas da alma e as da lyra. Francisco Gonçalves Braga é um poeta de sentimento; porém, nos seus cantos amorosos não se nota esse tom lamuriante e sédiço que transforma a paixão em pieguice, e obriga o leitor a mandar ao diabo o choramigas que o apoquenta. Ha nobreza e elevação nas suas canções; mesmo n'aquellas onde a phantasia se desmanda um pouco, incitada pelo fogo dos desejos, o poeta prefere peccar antes pela liberdade da idéa, do que deixar-se cair no estilo dos vates pierios que *tem lagrimas na voz*. Ahi vãe o exemplo.

São as ultimas estrophes de uma canção que tem por epigraphe, *Desejos*, onde o poeta, depois de uma vehemente invocação, termina assim:

....

Eu seria feliz!... Que fôra o mundo
Se o não dourassem amorosas flores?
Que fôra a vida não havendo um anjo
Para, entre afagos, nos sorrir nas dores?

Vem ser o anjo meu!... Altar sublime
Terás, com o meu amor, dentro em meu peito!
Vem ser o anjo meu!... Faustosa coroa
Terás de um trovador no amor perfeito!

Vem ser o anjo meu! nas horas mortas
Da noite amena, que ao amor inspira,
Virás sentar-te ao lado meu sorrindo,
Hymnos d'amores me inspirar na lyra!

Vem ser o anjo meu! com azas mysticas
Iremos percorrer a senda aérea!
Vem ser meu anjo, que o serei comtigo
Na estancia amena da morada ethérea!

Vem ser o anjo meu!... oh vem, que a vida
Não posso supportar na soledade!...
Vem ser o anjo meu, que além da campa
Terás o meu amor na eternidade!...

Vem ser o anjo meu!... Não já meus versos,
Mas sim os prantos meus t'o estão rogando.
Oh! já posso dizer que sou poeta,
Pois que estes versos te escrevi chorando!

Não lhe perdoem os defeitos onde os encontrarem, mas confessem que o auctor d'estes bellos versos é um verdadeiro poeta. O seu talento dá-lhe direito a um logar entre os mais esperançosos cantores portuguezes da actualidade, e eu julgo que todos folgarão em o ter por companheiro debaixo das bandeiras da arte. É, pois, um dever aconselhal-o e indicar-lhe o bom caminho que deve seguir para evitar os escólhos. Muitas vezes se perdem os talentos logo ao nascer, por se não ter com elles a consciencia, e ainda a generosidade necessarias. Nós vivemos n'um tempo em que a critica quasi que não tem independencia: ou louva servilmente, ou condemna injustamente. Para tirar partido de uma phrase mais ou menos engraçada, e mais ou menos roubada e estropeada, crava-se o punhal da satyra desapiedadamente, e tolhe-se a inspiração quando ella começa a balbuciar as primeiras harmonias. Eu prefiro a indulgencia á severidade; mas note-se que não sou critico. Os que sabem e podem mais, analysem segundo as regras. Pela minha parte, antes quero apontar as bellezas de qualquer escripto, do que andar a esmerilhar-lhe os defeitos para com elles me fazer denunciante. Quando um joven poeta começa a expandir os seus primeiros sentimentos, a expor ao ar perigoso do mundo zombeteiro as perfumadas e mimosas flores do seu coração virgem, eu não sei como ha homens que se divertem a murchar-lh'as, lançando sobre ellas o fel da inveja, ou o veneno da mordacidade! Logo nos primeiros versos, por muito defeituosos que a inexperiencia os faça nascer, se conhece se o auctor é nescio, ou tem em si alguma faisca do fogo sagrado que irrita os parvos illustres. Mas de qualquer modo, que se ganha em assassinal-o? Nada.

Das obras de um tolo não se escrevam juizos criticos; das de um rapaz de talento, devem fazer-se; mas sempre com benevolencia, e louvando antes o que for digno de estimulo, do que condemnando brutalmente erros que o gosto, os bons conselhos, e o estudo, corrigirão facilmente. Não sei aconselhar em questões de litteratura; o meu fim, fallando dos poetas portuguezes residentes no Brasil, não é escrever a critica das suas obras, é divulgal-as, e chamar ao gremio dos que vivem na patria, o nome dos pobres desterrados que procuram honral-a no desterro, com os seus trabalhos litterarios. Encarreguem-se outros de apontar as incorrecções, e indicar o meio de as evitar; estou certo que os nossos collegas e patricios que escrevem do outro lado do Atlantico, não desejam outra coisa. Assim, pois, irei indigitando e transcrevendo mais algumas poesias, tanto de Francisco Gonçalves Braga, como de outros não menos dignos de se tornarem entre nós mais conhecidos.

F. GOMES DE AMORIM

NOVA ARTE DE DOMAR OS CAVALLOS

Grande expectação chegou a causar ultimamente, em Paris e Londres, um mancebo irlandez, appellidado Rarey, que em poucas horas domava e amansava até o cavallo mais arisco e manhoso.

Os lords e ricaços, que tanto gostam de um cavallo revel amansado nas suas estrebarias, entregaram os seus potros indomaveis ao recemchegado irlandez, que muitas vezes lh'os entregava mansos como borregos, logo da primeira prova.

Como elle fazia esta operação a occultas, começaram a correr boatos de que o homem empregava n'isto a arte magica, que usava de correntes magneticas e similhantes segredos que poderiam causar damno aos cavallos.

Conheceu-se, porém, que era falso, á vista de algumas sessões particulares que elle deu; e em recompensa de ter achado maneira de domar o cavallo sem castigo nem violencia, o que se podia applicar a outros animaes proprios para serviço do homem e da agricultura, lhe deram um bom premio, com a condição de elle dar sessões publicas para desengano dos incredulos.

De uma d'essas sessões foram tiradas as nossas estampas, e eis o que sobre o assumpto escreve o principal redactor do *Journal des Connaissances Utiles*, J. Garnier, no seu numero de fevereiro ultimo.

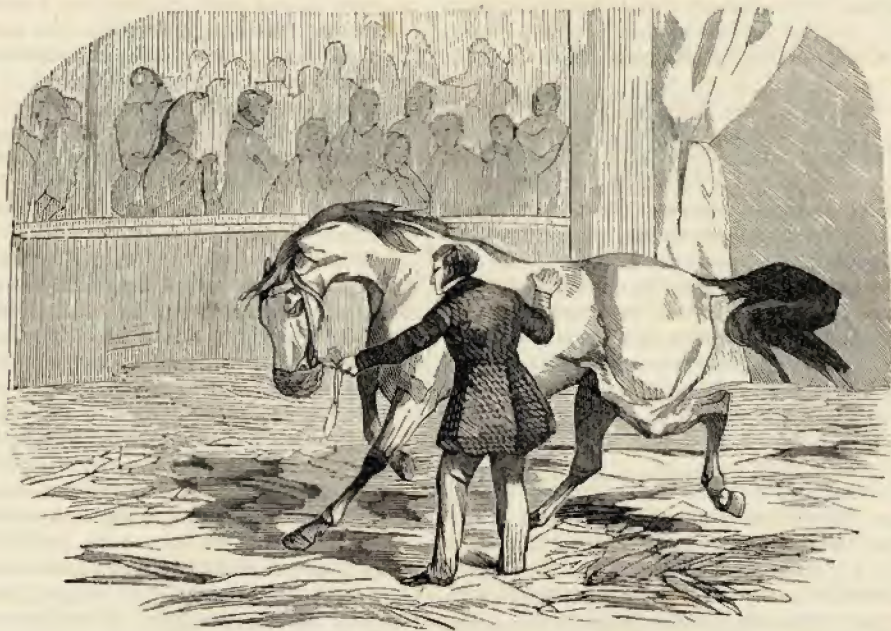
«Temos já assistido a duas sessões publicas dadas por mr. Rarey no circo, perante grande numero de amadores e de curiosos.

Observámos attentamente a maneira por que opéra o domador americano (como se elle intitula), e podêmos dizer que as suas demonstrações excitam a admiração, e devem causar grande mudança no ensino do cavallo, em particular, e dos animaes em geral.

Rarey não emprega nenhum sortilegio, nenhum meio occulto, nenhum mechanismo extraordinario, nenhum segredo, propriamente tal, como por ahi se

tem dito. O seu processo, ou antes o seu methodo, consiste n'uma serie de precauções, de manejos, de toques de mão e de afagos, que se podem descrever summariamente, mas que julgâmos indispensavel se vejam praticar, para se fazer uma perfeita idéa d'este methodo, e dos resultados que immediatamente se alcançam.

Comtudo faremos uma breve recapitulação do que vimos.

Primeiramente diremos que Rarey é ainda rapaz,

agil, robusto, methodico, e que trabalha sempre com circumspecção e intrepidez; que repete muitas vezes os mesmos toques de mão, com inalteravel paciencia, evitando todo o movimento aspero, e afagando continuamente o animal.

Não usa de chicote, vara, nem de nenhum outro instrumento de castigo.

Vimol-o amansar cinco cavallos em duas sessões, tres dos quaes nos pareceram positivamente manhosos, propensos a morder e dar coice, ao menor toque ou

passagem de mão, pelos relinchos, tripudio, movimentos da cauda, e outros signaes externos de braveza.

A operação foi feita no hemicyclo do circo de Paris, juncado de palha. O cavallo não tinha outro arreio mais que o freio e um açaimo.

Os primeiros manejos tem por fim obrigar o cavallo a deitar-se. Depois de lhe dar alguns toques com a mão, o domador, tendo na esquerda a rédea, trata de fazer com que o cavallo levante a perna anterior, que elle dobra e prende com uma correia afivelada. Presa esta perna, trata de fazer o mesmo á segunda, de maneira que o cavallo cáe de joelhos, com o focinho sobre a cama de palha, e a garupa para o ar, sem se poder mover senão com as pernas posteriores, o que o fatiga muito, e lhe abate a petulancia.

Durante quinze ou vinte minutos, o cavallo faz esforços inuteis para se levantar; e Rarey continúa a correr-lhe a mão pela anca, cauda, pernas, pescoço, etc., senta-se-lhe na garupa, e deixa-se escorregar para o chão, sempre com movimentos methodicos, e continuos afagos com a mão.

(Continúa)

ANTIGUIDADES NACIONAES

DAS CORTEZIAS QUE ANTIGAMENTE FAZIAM OS REIS DE PORTUGAL, E OUTRAS CEREMONIAS QUE SE USAVAM NO PAÇO EM TEMPO DEL-REI D. SEBASTIÃO

O primeiro dia que os duques iam á corte beijar a mão a S. A.,[1] recebia-os a rainha em pé, e se estava no estrado alto, dava tres ou quatro passos dentro d'elle; e se estava em alcatifa no chão, saia um passo ou dois fóra do estrado. O duque entrava com todos seus criados, e depois de beijar a mão a elrei, punha-se perto do estrado á sua ilharga, em pé, em quanto os seus criados beijavam a mão, e acabando, fallava o duque com S. A. duas palavras, se queria, se não, punha-se defronte de S. A., e fazia-lhe uma mesura.

Depois de entrados a primeira vez, quando vão fallar á rainha, esta dá-lhes cadeira, e manda-os cobrir, e assim lhes falla, e quando lhe fazem mesura, se alevanta S. A., assim á ida, como á vinda. O marquez de Villa-Real, estando S. A. em estrado baixo, só lhe dá passos quando entra a primeira vez.

Os marquezes e arcebispos quando fazem a mesura, S. A. bole-se na cadeira, como que se quer levantar, sem comtudo o fazer nem se bolir mais d'ella.

Aos condes, quando faziam a mesura a S. A., punha sómente os olhos n'elles.

El-rei D. João III tirava o barrete aos duques todo por diante, ficando coberto por detraz. Ao marquez de Villa-Real e aos arcebispos fazia um pouco menos, e aos condes punha a mão no barrete sem o levantar.

Quando vinham as infantas ou os infantes a primeira vez á corte, saia a rainha um pouco fóra do estrado; das outras vezes esperava-os no estrado, e ahi lhes fazia mesura. Assentava-se o cardeal[2] em uma cadeira de espaldar, que lhe punham no panno ou alcatifa que descia do estrado da rainha. Ás infantas fazia a rainha mesura, e as punha comsigo no estrado em almofadas como S. A. estava; se a rainha estava em cadeira, lhes davam almofadas. Aos filhos dos infantes se levantava S. A. em pé quando lhe faziam mesura, e se estava assim um espaço até chegarem a S. A., e depois se assentavam em cima do estrado; e quando vinham as infantas, sentavam-se em seus mesmos logares, mas não punham as costas na parede.

Quando a rainha comia com as infantas, davam-se-lhes cadeiras de espaldas, e aos filhos dos infantes punham quatro ou cinco almofadas, umas sobre as outras, isto por lhes não darem cadeiras rasas, como davam ao infante D. Duarte.[3] Ás infantas dava o veador da rainha as almofadas, se ahi estava, quando não, as damas. Aos filhos dos infantes, as damas, e quando estava muita gente na casa, um pagem, por se não bolirem as damas, e assim dava o pagem cadeira ao infante D. Duarte.

Ao duque de Bragança lhe dava a cadeira um fidalgo seu, e ao duque de Aveiro, quando não trazia pagem que lh'a désse, dava-lh'a um reposteiro. D'ahi para baixo punham as almofadas os reposteiros.

Quando se assentavam os infantes com as damas, punham-lhes as almofadas aonde queriam, com a dama aonde se queria assentar; e d'alli para cima não havia outro nenhum homem, senão damas; e a outra que estava junto d'ella não ia nenhum galante para ella; mas com a terceira que ficava abaixo, e d'alli por diante, se podiam assentar os fidalgos que quizessem com as damas. E os filhos dos duques, marquezes e condes se assentavam entresachados como queriam, e a estes punham almofadas. A rainha se levantava ás infantas quando iam a sua casa, fazia-lhes a mesura, e estava em pé até que lhes punham as almofadas, e então se assentava S. A. no estrado, aonde as infantas ficavam, e ellas não se encostavam á parede em que a rainha punha as costas, ainda que lhes punham alli as almofadas; mas assentavam-se de modo que ficavam sempre com o rosto para S. A., e isto mesmo fazia aos infantes, os quaes se assentavam no mesmo estrado em almofadas.

Quando os infantes vinham de outros logares, fóra da corte, descia a rainha do estrado, do qual se alevantava depois de estar já entrada na sala meia gente da que vinha com o infante; e em vendo que elle entrava pela porta, começava a dar passos para elle, e conforme ao espaço em que a rainha havia de chegar fóra do estrado, se ia entretendo ou apressando o infante para chegar a S. A. Dava ella então dois ou tres passos mais apressados e mais largos do estrado, segundo o favor que lhe queria fazer; então se curvava o infante, mas não punha o joelho no chão, e lhe pedia a mão, faziam suas mesuras, e subiam-se para o estrado. Alli beijavam a mão á rainha os que iam com os infantes.

Quando el-rei cavalgava, que alli estavam os infantes, o mais velho lhe dava o estribo, pondo-se da parte da cabeça do cavallo, e tendo o estribo pelo alto até el-rei pôr o pé n'elle, e em cavalgando, o ajudava com o outro braço a subir; e não estando os infantes, fazia isto o sr. D. Duarte da mesma maneira; e quando faltavam estes senhores, o fazia o duque de Bragança; e quando todos faltavam, o fazia o estribeiro-mór, e isto não faziam ecclesiasticos.

Indo el-rei ao campo, ou por caminho, mandava muitas vezes ao duque de Bragança que se não descesse quando chegava ao paço, por lhe parecer que vinha cançado, e então se despedia de S. A. fazendo-lhe mesura do cavallo, e não se partia sem o deixar apeado; e assim se não descia nenhum criado do duque, e se partiam com elle.

*

Posto que esta pragmatica palaciana seja tirada de uns apontamentos que dizem fizera a rainha D. Catharina, para se observar na sua regencia durante a menoridade de seu neto el-rei D. Sebastião, vemos que no ceremonial com que foi recebido o cardeal Alexandrino, legado do papa Pio V, em 1571, se não observou pontualmente, talvez por ter a rainha deixado já a regencia, e morar fóra do paço (do Castello).

Na relação da visita d'esse cardeal legado á rainha, que habitava no palacio de Xabregas, se diz que ella o recebêra de pé, n'um aposento desadornado, dando só dois passos quando elle entrou, com uma leve cortezia. Que despedidos os prelados e mais pessoas da comitiva, ficára a conversar a sós com o cardeal, em lingua hespanhola e voz alta, por espaço de hora e meia, tendo-se ella sentado no chão (naturalmente sobre almofadas), e o cardeal defronte n'uma cadeira de couro, ambos sem docel, estando entretanto os prelados n'outro aposento, onde, por orgulho ou por descuido, não havia cadeiras. Que

[1] Sua Altesa, que era o tratamento que tinham então os nossos reis; porque o de Magestade foi introduzido em Portugal por Filippe II de Hespanha.

[2] O cardeal D. Henrique, filho del-rei D. Manoel, tio del-rei D. Sebastião.

[3] Tambem tio de D. Sebastião.

quando o legado se despediu, ella se pozera em pé, mas não saíra do seu logar, e apenas fizera uma leve inclinação de cabeça.

Bom é apurar estas usanças, para que possam observar a verdade os que escrevem romances ou dramas historicos.

AS MAIORES ARVORES DO MUNDO

O boabab de Adanson (cabaceiro de Cabo-Verde) — O olmo de Morges — O carvalho de Salcey — O castanheiro de Neuve-Celle — O dragoeiro de Orotava — O castanheiro de Esau — O carvalho de Allouville — Algumas outras arvores que se mencionam apenas

(Vid. pag. 55)

VIII

Agora voltemos á Suissa; paremos na margem do lago de Genebra, no encantador sitio do castello de Neuve-Celle. Temos aqui um castanheiro; em 1408 abrigou um eremiterio, conta-o a historia; hoje não tem menos de 13 metros de circumferencia na base, 39 pés; é ainda lindissimo. Apesar dos estragos do tempo, conserva-se vigoroso, cheio de seiva e ricamente vestido! Os curiosos vão visital-o d'Evian, logar conhecido e frequentado por suas aguas mineraes alcalinas, a um kilometro do grosso castanheiro (fig. VIII).

Poderia mostrar-vos, de passagem, as duas roseiras perfeitamente eguaes d'Evian, cujo tronco apresenta 27 centimetros de circumferencia; ficará isso para occasião mais opportuna.

IX

É ainda preciso deixar a Europa; esquecêra-me do dragoeiro de Orotava, grande maravilha vegetal que merece a nossa visita.

O dragoeiro não é arvore propriamente dita; fórma o extremo da serie das liliaceas, na qual todas as especies, na maior parte, se compõem de hervas, e colloca-se ao lado do espargo, com os raminhos filiformes, pelos caracteres que servem de base á sua classificação. O dragoeiro rebenta vigoroso na India oriental e nas ilhas Canarias; distingue-se, principalmente, pelo perianthio (involucro exterior da flor) dividido e com segmentos recurvados por fóra; os estames são de fios engrossados no meio; a baga tem tres compartimentos e só uma semente. A hastea esponjosa dos dragoeiros, durante os calores, derrama um succo vermelho e resinoso, que é o sangue-de-drago dos droguistas; os raminhos bifurcam-se e coroam-se, no cimo, de mólhos de folhas pontudas, que são como feixes de espadas, e as flores brotam d'aqui em cachos.

Estamos em Teneriffe, e diante de nós temos o grande dragoeiro de Orotava; mas é melhor vêl-o na terra do que na nossa figura IX.

Como tem engrossado e crescido uma vegetação d'esta especie até formar o tronco, que dez braçadas podem apenas cingil-o, e que chega, talvez, a ter, na altura da hastea, sem comprehender os ramos que formam o feixe mais elevado, doze vezes a estatura humana? Tem 55 pés de ambito ao nivel do solo, e 72 pés de altura até á ramada. É tambem notavel a copa do dragoeiro pelos ramalhetes de folhas compridas e similhantes a lanças. A 21 de julho 1819, um terrivel furacão arrancou-lhe a terça parte, segundo se deprehende da inscripção gravada na alvenaria que tapa a fenda do alto do tronco, e protege a caverna interior contra a infiltração das aguas. É o que refere mr. Berthelot.

O monstruoso dragoeiro, segundo o relatorio de Lemaout ácerca dos seus *Tres reinos da natureza*, foi encontrado, tal como existe ainda, em 1402 por occasião do descobrimento da ilha de Teneriffe; e a lentidão com que crescem os dragoeiros novos, cuja edade é conhecida, confirma a tradição que lhe dá mais de mil annos de existencia.

Na provincia de Aragua (republica de Venezuela) encontra-se uma arvore da familia das leguminosas (especie de acacia), a que os indigenas chamam «saman» de *Güere*. O grande diametro dos ramos d'esta arvore é de 61 metros 20, e o tronco tem de circunferencia 9 metros 35. Póde abrigar um batalhão em columna!

O sabio Humboldt, nas suas viagens, dá-nos a seguinte descripção d'esta notavel arvore:

«Saíndo da villa de Furmero, descobre-se a uma legoa de distancia, certo objecto que se apresenta no horisonte como oiteiro arredondado, coberto de vegetação. Não é collina nem grupo de arvores; é o famoso «saman» de *Güere*, conhecido em toda a provincia pela enorme extensão dos seus ramos, que formam o cume hemispherico de 576 pés de circunferencia. O saman é uma classe de mimosa, cujos ramos tortuosos se dividem por bifurcação. A folhagem tenue e delicada sobresáe, agradavelmente, do azul do ceo. Estivemos por muito tempo parados debaixo d'esta abobada vegetal. O tronco do saman de *Güere*, que se encontra na estrada de Furmero a Maracay, só tem 60 pés de alto e 9 pés de diametro; mas a verdadeira belleza d'elle consiste na fórma geral da copa, ou ramada. Os ramos estendem-se como um vasto guarda-sol, e inclinam-se para a terra, da qual estão uniformemente afastados 12 a 15 pés. A peripheria da ramada, ou copa, é tão regular, que, traçando n'ella differentes diametros, encontrei-os de 192 e de 186 pés.

«Um lado da arvore está inteiramente falto de folhas pelo effeito da sêcca; e no outro lado restam algumas folhas e flores. As filandras, as lorantheas, o cacto e outras plantas, lhe revestem as ramas e encrespam a casca. Os habitantes d'esta parte da America, e sobre tudo os indios, tem em veneração o saman de *Güere*, que os primeiros conquistadores parece encontraram, pouco mais ou menos, no estado em que o vemos hoje. Desde que o observam attentamente, não o viram mudar de grossura e de fórma. O saman deve ser ao menos da edade do dragoeiro de Orotava. Ha tanta magestade no aspecto das arvores seculares, que a violação d'estes monumentos da natureza é severamente punida nos paizes que não tem monumentos de arte. Ouvimos, com satisfação, que o actual proprietario do saman intentára um processo contra o rendeiro que tivera a temeridade de cortar-lhe um ramo. A causa foi pleiteada, e o tribunal condemnou o rendeiro. Acham-se perto de Furmero outros samans, que tem o tronco mais grosso que o de *Güere*, poram as copas hemisphericas não alcançam a mesma extensão.»

(Continua)

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Atando o fio quebrado a pag. 47, por falta de espaço, proseguiremos hoje nas observações que promettemos fazer, sobre o erro que muitos commettem de intercalar na phrase portugueza certas preposições que alteram a indole, e tiram a graça e energia da nossa lingua, fazendo ainda peior que tudo isto, que é causar ambiguidade ao sentido do que se diz ou escreve.

O exemplo citado na referida pag. 47, como incorrecto, «a fallar ou fallando *a* verdade» portuguez mui vulgar hoje, não tem nenhuma auctoridade de peso com que se defenda, e quando tivesse, as leis da grammatica não se revogam com portarias singulares, ainda que sejam dos ministros da republica das letras, como é, por exemplo, o capitão Manoel de Sousa, com quem Moraes auctorisa muitos

dos vocabulos do seu diccionario, por ser realmente bom linguista:

«O nosso Jordão, a fallar a verdade, é de esphera acanhada.» *Peão Fidalgo*, pag. 83.

Talvez seja erro de impressão; mas ainda que o não seja, é exemplo tirado de um dialogo entre pessoas indoutas, e de uma comedia, onde ás vezes é necessario, para a verdade dos caracteres, conservar similhantes corruptelas e solecismos.

Não nos lembra ter achado até agora, em auctor de boa nota, similhante erro. O que vemos é que todos esses o tem evitado, com ser tão vulgar.

Garrett, que muito gostava de se servir de certos modos do fallar plebeu, porque, dizia elle (mais de uma vez nos disse, quando fallavamos n'este assumpto): «O nosso povo não se pinta bem ao natural sem estes laivos, de que se não quer limpar, ou não o limpam.» Este mesmo grande escriptor, mas não purista, poz por titulo a uma das suas comedias: *Fallar verdade a mentir*.

O sr. A. Herculano diz no seu famoso romance *Arrhas por fóra de Hespanha:*

«Já disse, mestre Bertolameu, que fallo verdade.»

E mais adiante:

«— O que está n'aquella arca?

— Nada, ou para fallar verdade, quasi nada.»

O sr. A. F. de Castilho, que é o nosso evangelista contemporaneo, em pontos de fé grammatical, e de vernaculidade, nunca metteu o tal *a* intruso na phrase «fallar verdade», nem sequer em poesia, que tem carta de seguro para tomar certas liberdades, mettendo cunhas, muitas vezes a martello, para atacar ou enchumaçar o verso que não chega á medida; licença poetica de que muito se valem os pobretões de engenho, que se servem da figura enillage, como os mendigos da chapa do governo civil, para irem estender ou deitar a mão á syntaxe figurada.

Além dos exemplos classicos já citados no antecedente numero, ainda adduziram outros que temos agora á mão de semear. São ambos do opulento e gracioso D. Francisco Manuel de Mello, tirados das suas *Cartas Familiares:*

«Não erra quem os seus semelha, se as nossas velhas fallam verdade.»

«Este soneto é livro, e a resposta oraculo, fallo verdade.»

Insistimos talvez demasiado na correcção d'este solecismo, porque o vemos mui arreigado; e tanto, que na censura que exercemos das peças dramaticas, apesar de o apontar sempre como corruptela, e juntamente muitos outros erros de linguagem, nunca podémos conseguir que se não repetissem nos theatros, inclusivè no de D. Maria II, que se diz normal, e é official!

UMA DAMA CHINEZA

Quanto mais o imperio da China se occulta aos estrangeiros, a que geralmente chamam barbaros, mais são os livros, memorias e estampas que a respeito d'elle se publicam. Ha já uma bibliotheca em quasi todos os idiomas sobre o celeste imperio.

Temos nós os portuguezes a prioridade de havermos dado noticia á Europa d'aquelle vastissimo e industrioso imperio, que tem os seus 360 milhões de habitantes. Foi o celebre Fernão Mendes Pinto, que escreveu em boa linguagem, meiado o seculo XVI, e se publicou depois da sua morte, um volume in folio com o titulo de *Peregrinação*, onde conta tudo quanto viu, averiguou e padeceu durante vinte e um annos (1537-58) que alli peregrinou.

Esta viagem, que a principio se tomou por fabulosa, foi depois confirmada por muitos outros viajantes, e por isso traduzida em varias linguas.

Posteriores a este, outros escriptores portuguezes escreveram a respeito da China; devendo ser citados entre os modernos o sr. José Ignacio de Andrade *(Cartas da India e China)* e o sr. Carlos José Caldeira *(Viagem de Lisboa á China em 1850)*, alem de muitos artigos que este nosso distincto collaborador tem publicado nos antecedentes volumes d'este jornal, para cujas obras remettemos os leitores que quizerem renovar memorias d'aquelle imperio, a proposito da estampa que reproduzimos de uma dama da alta aristocracia chineza, que ultimamente esteve em Paris, onde os melhores photographos lhe tiraram o retrato que publicâmos.

Uma dama chineza

A China é paiz que não admitte innovações, e muito menos em ponto de modas. O seu trajo é sempre invariavel. As pinturas que desde muitos seculos vemos na sua magnifica loiça, nos seus leques, charões, marfins e outros artefactos, é a mesma que mostra a estampa.

Os chins, como se sabe, occupam na classificação zoologica da humanidade o terceiro grupo ou especie, a mongolica, a qual se divide em duas raças.

A nossa gravura é de uma dama da raça chin. Rosto oval, olhos obliquos, sobrancelhas arqueadas, nariz grosso, bocca pequena, beiços redondos, cabello negro, muito basto e aspero.

Como no paiz ha muita bijouteria, as mulheres usam de muitos adornos. A que representa a estampa tem as unhas muito compridas, parece uma arpia! o que é entre ellas um signal aristocratico.

O soffrimento tambem se gasta, ainda que é moeda que não corre. *D. Francisco Manuel de Mello.*

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.